

## PRESENÇA MODIFICADA, SUBVERTIDA. É POSSÍVEL O ENCONTRO?<sup>1</sup>

Celso Thiago Landolfi Maia  
Elisa Belém  
Erique Rafael Lima Nascimento  
George Hudson Silva Santiago  
Gislaine Regina Pozzetti  
Giulia Oliva de Araújo  
João Brendon Silva Gomes  
Luan Eudair Bridi  
Marcia Berselli  
Mayra Martins GUanaes  
Melissa dos Santos Lopes  
Renan Carlos Medeiros da Silva  
Romário Gonçalves Lima

193

DOI 10.21680/2595-4024.2023v6n1ID34299

O Grupo de Conversa 10 do II Colóquio Internacional Poéticas do Aprender (CIPA) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) reuniu participantes de vários lugares, de quatro regiões do país: Natal/RN, Recife/PE,

---

<sup>1</sup> Este texto coletivo foi escrito no terceiro encontro do Grupo de Conversa 10 do II Colóquio Internacional Poéticas do Aprender (II CIPA), promovido pelo Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), que aconteceu de 8 a 12 de novembro de 2021, em formato remoto, em torno do tema: "(im)possibilidades do teatro na escola em tempos de pandemia".

Santa Teresa/ES, Ouro Preto/MG, Curitiba/PR, São Paulo/SP, Fortaleza/CE, Santa Maria/RS, Manaus/AM.

Presença modificada, subvertida. É possível o encontro? Quais corpos se encontram nesse momento e neste formato que nos foi oferecido? Qual e como é o corpo em isolamento? O desafio é encontrar brechas que nos permitam estabelecer relações, para além de onde se vê, encontrar brechas e caminhos que nos permitam viver, sobretudo viver!

Em todas as experiências que foram compartilhadas, de alguma forma ficou evidente que o teatro mesmo remotamente aconteceu, diante das dificuldades da pandemia. Notamos muitos pontos em comum e também aspectos positivos na descoberta de como continuar a produzir o teatro mesmo em condições adversas. Também foi possível observar que todos nós vivemos as dificuldades deste contexto e que, apesar disso, seguimos, superamos várias dificuldades e chegamos até aqui.

Encontros como estes proporcionados pelo II CIPA são pertinentes, pois nos auxiliam no rever, repensar sobre nosso modo de pensar e fazer teatro. O Grupo de Conversa 10 mostrou o teatro de uma forma rica, como um "leque" de possibilidades de trabalho em diálogo com as vivências e a difícil realidade em que nos encontrávamos, além dos contornos e enfrentamentos acerca das dificuldades do ensino teatral, de forma que não houve como sair daqueles encontros sem se sentir ao menos um pouco implicado com as discussões ali tecidas. Entender e construir conhecimento a partir do e com o teatro precisa ser sempre assim: em meio à tessitura dialógica.

Ao longo de três dias escutamos experiências diversas como as oficinas com jovens, crianças e idosos tudo online, podcasts, performances, criação de Cia. de teatro, estágios supervisionados online...

Foi uma intensa possibilidade de extrapolar a caixinha da Universidade para além dos muros do campus, alcançando outros lugares por meio da experiência online. Este contato via internet possibilitou novas experimentações e encontros

potentes como os que aconteceram no Colóquio. Saber até onde você pode ir, onde você precisa ceder e nesse sentido o jogo teatral abriu muitas possibilidades para a metáfora.

Sentimos que o Colóquio, sobretudo porque propôs de fato o formato da Conversa como modo, foi muito importante para percebermos como nós professores de teatro conseguimos lidar com as dificuldades impostas pela pandemia naquele período de quase dois anos. Conhecer todos aqueles projetos aqueceu o coração e reanimou esperanças em tempos tão difíceis. Ficou uma vontade de poder ter conhecido os colegas do Grupo pessoalmente. Disse naqueles dias um participante do Grupo: “Acabo de refletir que passei por 4 estágios do curso de licenciatura nesse período e não conheci nenhum colega pessoalmente. Também tive e tenho aulas com professores que nunca vi pessoalmente. A sensação é realmente agridoce, por um lado sempre damos um jeito de continuar, por outro fica a sensação do que poderia ter sido, e do que ainda vai ser”...

Sensações agridoce, segundo Celso, que contou sobre o estágio e uma experiência que não foi muito positiva. Mas ele ficou curioso sobre o texto que leu, da Gigi, que falava sobre uma experiência positiva com o estágio. Gigi colocou 19 pessoas em cena, envolvendo 11 disciplinas e vários professores(as), no estágio de Bacharelado em Teatro. Um cuidou do outro. Houve problemas de conexão e também perdas familiares, mas parece que o projeto de montagem foi também uma rede de apoio para todos. Para Gigi, a volta para o presencial vai trazer mudanças: não tem como usar o mesmo modelo mais. Melissa convidou alunes a olhar para a casa, de forma diferente. Um aluno-ator do curso de Melissa disse que o pai esqueceu o tempo em cima da mesa. Romário trouxe a literatura de cordel para ensinar matemática: estudar polígonos, história da matemática. Mayra adoraria viver esse Colóquio em Natal, mas gostou muito mesmo assim, e o Celso também falou sobre isso, que talvez, se fosse presencial, não conseguiria ir. O George trabalhou com alunos idosos, em Fortaleza. Uma ajudante ligava o

computador e, no início, os alunos vinham perto da tela cumprimentar. Ele aprendeu muito sobre a velhice, sem estar instalado na velhice. O Brendon trouxe suas experiências no planejamento de aulas e oficinas, sem estar no “chão da escola”, mesmo assim, pensou sobre a inclusão e o teatro de bonecos. O Erique e colegas também trabalharam com teatro de bonecos no ensino remoto. “Achei super interessante essa possibilidade de mostrar um objeto, uma parte do corpo como as mãos para manipular o boneco, sem se mostrar por meio da câmera”, disse ele. Contou sobre a elaboração do São João e os signos teatrais a partir da quadrilha. O Renan disse que a escola pública de Ensino Básico sofreu um apagão na pandemia — onde estavam, onde estão —, cada instituição teve que criar seu modo de trabalho no ensino remoto. Ele criou “Abrigos Poéticos”, uma “geografia do invisível”. A Mayra contou sobre o curso técnico em teatro que fez e que se tornou remoto — o susto, as redes de apoio, os projetos, a companhia de teatro que surgiu aí, no modo tecnovívio. A Giulia contou sobre o projeto Ninfeias, da UFOP — discussões de identidade de gênero, feminismos, criou podcasts e cartilhas para todes. O Luan contou sobre sua prática docente em Artes, com estudantes do Ensino Fundamental, em regiões rurais do Espírito Santo. A volta ao presencial e a vontade, mas as dificuldades também de estabelecer o convívio de novo respeitando os protocolos de biossegurança. Falou sobre seu projeto de criar um espetáculo de teatro com os alunos, por meio do Teatro-Fórum.

Será que estamos prontos para “enfrentar nossos medos” depois desta pandemia? Alguém disse (foi Renan?) que, no retorno às aulas presenciais, percebeu que as/os discentes não aceitavam mais o modelo que existia antes da pandemia. Entendo que também não aguentam mais o modo remoto. O que será de nós? Como nos reinventaremos a partir de agora? Por onde recomeçar.

Vimos uma lousa vermelha. Vimos idosos fazendo performance no Instagram. Eles eram mais otimistas do que a maioria de nós. Ouvimos sobre conviver com a morte, triste realidade do povo amazonense. Ouvimos sobre ensinar matemática por meio do cordel. Ouvimos sobre evasão e integração.

Ouvimos sobre teatro para surdos em plena pandemia. Ouvimos que Augusto Boal está mais presente do que nunca (ainda bem!) em nossas práticas. Amadurecemos nesse período, estivemos presentes. Nesse encontro, tantos encontros. Tantos Brasis. Vimos poesia com AR.

“A morte é só adormecer”, alguém relatou que algum aluno falou algo assim... Há um luto coletivo sobre o qual ninguém conversa. E quando a gente toca nesse assunto, a gente entra num estado de performance...

Apesar das dificuldades da educação no Brasil e também das dificuldades das práticas teatrais, tanto antes quanto durante a pandemia Covid-19, os projetos apresentados no Colóquio causaram um suspiro de esperança. Novas possibilidades foram encontradas no período de isolamento, com certeza o fato de explodir os limites da localidade é uma delas. Mas no Colóquio, os projetos puderam entrar em contato com diversas pessoas e instituições de lugares do Brasil e essa troca interestadual e inter-regional enriqueceu as nossas práticas. Ficou evidente para nós a importância da prática teatral em diferentes faixas etárias, classes sociais e identidades de gênero, com potentes “resultados” e contingências futuras.

Uma participante do nosso GC nos disse: “me sinto lisonjeada em estar presente de tantas educadoras e educadores que proporcionam rachaduras no sistema diariamente, quando, em inúmeras vezes, parece não haver saída. Me sinto alimentada pelas trocas e também orgulhosa por compartilhar o meu trabalho, que sem dúvidas é extremamente difícil, mas muito gratificante”.

O que pode um corpo em isolamento?

O II Colóquio Internacional Poéticas do Aprender da UFRN foi muito importante para nós do GC 10, pois as nossas conversas e trocas de experiências nos mostraram que não estamos sozinhos. Parece que a pandemia no Brasil foi um pouco mais cruel do que no resto do mundo — sem a intenção de comparar

dor, mas é que aqui vivemos um momento político muito difícil. E meio a negacionistas bolsonaristas, vivemos um contexto onde nosso ofício é ainda mais desvalorizado. Porém, mais uma vez eis que surge a ARTE — vem como uma lansã guerreira cheia de espelhos e suas espadas, e veio assim como na ditadura militar, onde ela foi atrevida, essencial e fundamental. Neste momento de pandemia ela sustentou nossa respiração. Portanto, ter acesso aos trabalhos dos artistas docentes presentes no II CIPA é um privilégio...



Os diálogos realizados entre os participantes do Grupo de conversa 10 possibilitaram encontrar pontos de ancoragem nas diversas experiências em ensino de teatro no formato remoto. Diante de uma situação de pandemia global, professores em diferentes localidades recriaram as suas práticas, elaboraram formas virtuais de encontrar os alunos e buscaram sentidos diante das dificuldades. O corpo escolar, fragilizado, em isolamento, se reorganizou em novos modos de existência.

A prática do teatro adentrou as casas de estudantes e professores. É possível o ensino da arte a partir das realidades das nossas casas? O campo social foi atravessado por uma escola que, por hora, acontece em telas. Professores e estudantes continuaram suas aulas, em meio a um cotidiano que o afeto pulsa por medo da doença, proximidade com a morte e perda do outro.

Como encontrar comigo mesmo, se não posso estar com o outro? As relações, o coletivo, e o diálogo apareceram nos trabalhos apresentados com potências que revelam a nossa necessidade do outro. A troca de afeto, a união e o grupo nos formam enquanto sujeitos trafegantes.

As ausências criadas pela pandemia foram reveladas no ensino remoto. Da câmera desligada ao sumiço do estudante, da falta de devolutiva às mensagens de WhatsApp para os professores na madrugada, todas essas situações foram sintomáticas de que o outro não está bem.

Da necessidade do outro enquanto âncora para formar a si mesmo, buscamos respostas: os professores criaram ações no existir em meio ao turbilhão, voltamos todos ao *aprendendo a nadar*. A pandemia perdurou por muito tempo, entre escalas de contágio que subiam e desciam. O que aprendemos com ela será levado para as nossas aulas de hoje? Passamos, estamos aqui, e que a gente não se esqueça dos ausentes.

No decorrer dos encontros, das discussões e das trocas com os colegas no nosso Grupo de Conversa 10, percebemos o quanto é importante o compartilhamento de nossas vivências, dos nossos projetos desenvolvidos

# manzuá

durante um período tão delicado, o quanto é importante para nosso processo como pesquisadores, como professores, como viventes. É instigante, é estimulante e necessário. Precisamos ampliar nossos olhares para o outro, sentindo essa extensão que passa por cada um. Cada compartilhamento se entrelaça construindo pontes e ligações.

200